

Marquès de Sade

TRADUÇÃO **ANDRÉ LUIZ BARROS**

Marquês de Sade

NOVELAS TRÁGICAS

CARAMBAIA

NOTA DO EDITOR

Entre 1787 e 1788, encarcerado na prisão da Bastilha sob acusação de sodomia e depravação, Marquês de Sade (1740-1814) compôs, em cadernos manuscritos, cerca de cinquenta contos e novelas. Apesar de escritos ao mesmo tempo que *120 dias de Sodoma*, esses textos, publicados parcialmente em 1799, revelam um outro Sade. Nessas narrativas, o leitor não encontra as cenas de tortura, suplício, erotismo e crueldade que marcariam a obra do escritor libertino e escandalizariam a sociedade francesa do início do século XVIII. Perseguido pela censura e em busca de uma imagem mais positiva de homem de letras, Sade produziu os textos, como explicou, “dentro das regras do pudor e da decência”.

Esta edição reúne cinco dessas novelas, inéditas no Brasil, além de um ensaio teórico de Sade sobre o romance. A tradução considerou trechos dos originais manuscritos do autor que foram suprimidos na primeira edição comercial do livro.

11

Faxelange
ou os danos da ambição

45

Florville e Courval
ou o fatalismo

97

Laurence e Antonio
novela italiana

147

Ernestine
novela sueca

213

Eugénie de Franval
novela trágica

287

ENSAIO

Reflexões sobre os romances

309

POSFÁCIO POR ANDRÉ LUIZ BARROS

**Sade, mestre dos excessos
e da apatia**

Faxelange

OU OS DANOS DA AMBIÇÃO



O senhor e a senhora de Faxelange, recebendo de 30 a 35 mil libras¹ de renda, viviam frugalmente em Paris. Como único fruto de seu himeu tinham uma filha, bela como a própria deusa da Juventude. O senhor de Faxelange servira o exército, mas fora afastado jovem, e desde então ocupava-se tão somente dos cuidados de seu lar e da educação da filha. Era um homem extremamente doce, pouco genioso e de excelente caráter. Sua esposa, mais ou menos de sua idade, ou seja, entre 45 e 40 anos, dispunha de um pouco mais de sutileza de espírito. Porém, no geral, havia entre esses dois cônjuges muito mais ternura e boa-fé do que astúcia e desconfiança.

A senhorita de Faxelange acabara de atingir seus 16 anos; tinha uma daquelas figuras românticas, em que cada traço representa uma virtude; uma pele muito branca, belos olhos azuis, a boca um pouco grande mas bem adornada, uma silhueta flexível e leve e os cabelos mais belos do mundo. Seu espírito era afável como seu caráter. Incapaz de fazer o mal, era-o ainda mais de imaginar que ele pudesse ser praticado. Numa palavra, era a inocência e a candura embelezadas pelas

¹ A libra foi uma unidade monetária em uso durante o Antigo Regime na França, que

correspondia, na origem, ao valor de 1 libra de peso (cerca de 500 gramas) de prata. [N.T.]

mãos das Graças. A senhorita de Faxelange era instruída; não se economizou em sua educação; falava muito bem o inglês e o italiano, tocava vários instrumentos e pintava miniaturas com gosto. Filha única e destinada, por consequência, a herdar um dia os bens da família, que no entanto eram medianos, podia almejar um casamento vantajoso, e havia dezoito meses essa era a única ocupação de seus pais. Mas o coração da senhorita de Faxelange não esperara a autorização dos autores de seus dias para ousar entregar-se por inteiro: havia mais de três anos que ela não era mais senhora dele. O senhor de Goé, que, por ser seu parente em algum grau, ia frequentemente à casa dela, era o objeto amado por essa terna jovem; amava-o com tal sinceridade... com tal delicadeza que fazia lembrar aqueles sentimentos altivos dos velhos tempos, tão corrompidos por nossa depravação.

O senhor de Goé sem dúvida merecia uma tal felicidade. Tinha 23 anos, uma bela figura, um rosto charmoso e um caráter de franqueza inteiramente conformado para harmonizar-se com o de sua bela prima. Era oficial de cavalaria, mas nada rico. Precisava de uma moça de farto dote, assim como de um homem de renda opulenta necessitava a prima que, apesar de herdeira, não possuía uma fortuna imensa, como já ressaltamos. E, conseqüentemente, ambos viam bem que suas intenções nunca seriam satisfeitas, e que a chama em que ardiam um e outro se consumiria em suspiros.

O senhor de Goé jamais informara os pais da senhorita de Faxelange sobre os sentimentos que nutria pela filha deles. Pressentia uma recusa, e seu orgulho se opunha ao que ouviria nesse caso. A senhorita de Faxelange, mil vezes mais tímida, evitava igualmente dizer palavra a respeito. Assim, essa intriga doce e virtuosa, atada pelos nós do mais terno amor, era cultivada em paz na sombra do silêncio. Porém, não importa o que acontecesse, ambos tinham prometido firmemente não ceder a nenhuma solicitação e nunca deixarem de pertencer senão um ao outro.

Nossos jovens enamorados estavam nessa situação quando um amigo do senhor de Faxelange veio lhe pedir permissão para apresen-

tar-lhe um homem de província que acabara de lhe ser indiretamente recomendado.

— Não é sem motivo que lhe faço essa proposta – diz o senhor de Belleval. — O homem de quem lhe falo possui bens prodigiosos na França e herdades suntuosas na América. O único objetivo de sua viagem é encontrar uma esposa em Paris. Talvez a leve para o Novo Mundo, é a única coisa que temo. Mas, tirando isso, se a circunstância não o assusta demais, é bem certo que, em todos os aspectos, seria o mais conveniente a sua filha. Ele tem 32 anos, sua figura não é muito agradável... há algo de um pouco sombrio em seus olhos, porém tem postura bastante nobre e educação singularmente cultivada.

— Traga-nos ele – diz o senhor de Faxelange... E voltando-se para a esposa: — O que acha, senhora?

— Há que ver – respondeu. — Se é de fato um partido conveniente, dou-lhe sua mão de todo o coração, apesar do sofrimento que possa me trazer a separação de minha filha... Adoro-a, sua ausência me deixará desolada, mas não me oporei em nada à felicidade dela.

O senhor de Belleval, encantado com esses primeiros avanços, marca um dia com os dois esposos. Concordam que na quinta-feira seguinte o barão de Franlo será apresentado à senhorita de Faxelange.

O senhor barão de Franlo estava em Paris havia um mês, ocupando o mais belo apartamento do palacete de Chartres, desfrutando de uma bela cocheira, dois lacaios, um criado de quarto, uma grande quantidade de joias, uma carteira cheia de letras de câmbio e as mais belas vestimentas do mundo. Não conhecia o senhor de Belleval, mas conhecia, segundo afirmava, um amigo íntimo desse Belleval que, estando longe de Paris por dezoito meses, conseqüentemente não tinha como ser de nenhuma utilidade ao barão. Apresentara-se à porta daquele homem. Haviam-lhe dito que estava ausente, mas que, sendo o senhor de Belleval seu amigo mais íntimo, faria bem em ir procurá-lo. Desse modo, fora ao senhor de Belleval que o barão mostrara suas cartas de recomendação, e Belleval, para prestar serviço a um cavalheiro, não se negou a